

**OS SINTAGMAS NOMINAIS
NOSSA OPINIÃO/ OUTRA OPINIÃO
COMO ESTRATÉGIA DE REFERENCIAÇÃO
DO EDITORIAL DO JORNAL O GLOBO**

Ana Léa Rosa da Cruz⁴⁰

1. Introdução

Este trabalho se propõe a investigar, segundo a proposta da referenciação e da Análise do Discurso, os editoriais do jornal *O Globo* que se apresentam sob a forma de dois artigos que abordam sempre o mesmo tema: um, intitulado *Nossa Opinião*, apresenta a visão do jornal e outro, sob o título *Outra Opinião*, geralmente assinado por um especialista ou autoridade no assunto tratado, mostra visão diferente da que o jornal assume.

Sabendo que "a produção de sentidos na notícia" (MARIANI, 1998, p. 60), nesse caso, o editorial, se dá a partir das relações sociais e políticas entre jornalistas, leitores e da "linha política dominante no jornal" (*Ibid.*, p. 60), observamos que o fato de o jornal oferecer ao leitor outra opinião constitui a possibilidade de fazer emergir outros sentidos além daqueles que *Nossa Opinião* constrói.

Os sentidos produzidos por esses editoriais nos permitem analisar, numa abordagem discursiva, a proposta da referenciação que enfatiza o caráter dinâmico de construção de referentes. O jornal *O Globo* ao subdividir o espaço do editorial, apresentando uma posição diferente da sua sobre um mesmo tema, revela a dinamicidade dos objetos de discurso e nos faz compreender como "o texto organiza os

⁴⁰ Professora do Centro Universitário Plínio Leite.

gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido" (*Ibid.*, p. 27), promovendo novas maneiras de se ler o texto.

Os enunciadores de *Nossa Opinião / Outra Opinião* ocupam um lugar social e dele enunciam, fazendo determinadas escolhas. E como sujeitos ativos realizam "escolhas significativas entre as múltiplas possibilidades que a língua oferece." (KOCH, 2009, p. 81), construindo, assim, "versões públicas do mundo", pois esses sujeitos que se inscrevem em *Nossa Opinião* e *Outra Opinião*, estabelecem estratégias a partir da imagem que fazem das pessoas que leem o jornal *O Globo*, conduzindo-as às conclusões esperadas pela empresa jornalística.

A intenção de estudar esse editorial é antes uma forma de perceber os efeitos de sentidos construídos entre interlocutores, sujeitos históricos e sociais que interagem, num espaço público, num jornal de grande circulação no país. Ao construírem objetos –de- discurso, a partir de práticas sociais, esses sujeitos nos fazem entender como objetos simbólicos produzem sentidos, sem, no entanto, negar as diferenças entre os sujeitos que enunciam e se constituem sujeitos de linguagem.

O que notamos é que, nesses editoriais, os temas políticos, econômicos ou sociais dividem o espaço para posições contra ou a favor da posição do jornal, construindo a ilusão de um espaço democrático em que uma "outra opinião" aparece de alguma forma se relacionando com a opinião do jornal e a dos leitores.

Sabendo que, em *Nossa Opinião*, se revela um sujeito cuja identidade é identificada como redator / editor representante do discurso jornalístico e se constitui, dessa forma, sujeito de linguagem, quando interpreta questões que interessam à sociedade em geral, procuramos conhecer como se estabelece o diálogo nesses espaços discursivos com *Outra Opinião*. Por sabermos que representamos o mundo por meio de elementos que emergem do discurso e são designados por itens lexicais, relacionamos referência e práticas discursivas, pois esses traços distinguem os modos de organização do discurso e seu funcionamento.

Entendemos que a inserção do sujeito numa sociedade cada vez mais informatizada exige um maior grau de instrução e informa-

ção dos seus cidadãos, requer que os mesmos encontrem subsídios para os auxiliarem nesse novo contexto, e assim, se constituírem sujeito-leitores que interpretam, significam, se inscrevem e se identificam com as práticas discursivas de *Nossa Opinião / Outra Opinião*.

Dessa forma, fica clara a necessidade de “compreender que a relação entre linguagem e mundo é uma relação construída pelos falantes e, como tal, pode ser modificada ou reconstruída” (MENEZES, 2009, p. 40). Os sujeitos envolvidos na interação editor / interlocutor, assim como o contexto em que estão inseridos, o lugar de onde enunciam e o resultado dessas condições levam-nos a buscar as estratégias que identificam a referência atribuída ao discurso e “conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se” (ORLANDI, 2003, p. 15).

Neste artigo, procuramos mostrar como os mecanismos usados para referenciar as ideias do jornal *O Globo* deslocam os sentidos de uma opinião para outra, com processos envolvidos na atividade de referência organizados pela língua, em uma “relação instável, social, histórica e negociada entre linguagem e mundo: relação com ação” (MARCUSCHI, 2004, p. 265). A identidade do sujeito que enuncia do lugar de redator/editor expressa a visão da empresa jornalística *O Globo*, que possibilita a outro a construção de seu próprio discurso. Assim, é que *Nossa Opinião* alcança diferentes sentidos partindo da sua interpretação de um determinado tema em discussão, na sociedade.

De acordo com Mariani (*op. cit.*, p. 61), os discursos jornalísticos nos fazem crer que os fatos são apresentados “tais como são, com uma linguagem isenta de subjetividades”, o que nos leva a questionar quais os critérios usados na escolha do sujeito de *Outra Opinião* para representar outra formação social e ideológica, considerando o comprometimento que esse sujeito deve manter com o discurso político da empresa jornalística da qual faz parte.

O sujeito-interlocutor de *Outra Opinião*, por sua vez, também enunciará da posição de médico, engenheiro, economista, nutricionista, sindicalista etc., dependendo da escolha da empresa jornalística, que não explica essa escolha. *Outra Opinião* vem sempre com a identificação do sujeito que irá compartilhar do espaço argumentativo do editorial, reforçando a seriedade do jornal. O que mostra que o

discurso de *Outra Opinião* será materializado por um sujeito que tem certo prestígio dentro dessa sociedade.

Na interação *Nossa Opinião* e *Outra Opinião*, os sujeitos negociam, como diz Neves (2006, p. 77), “o universo de discurso de que falam, e, dentro dele, num determinado momento, escolhem referir-se a algum (alguns) indivíduo(s) cuja identidade estabelecem – ou não – segundo queiram – ou não – garantir a sua existência nesse universo.” Assim, a interação que se estabelece entre os sujeitos *Nossa Opinião* / *Outra Opinião* e os leitores do jornal revela que o espaço do editorial em questão se apresenta como unidade significativa “adequado para se observar o fenômeno da linguagem” (ORLANDI, 2003) e a construção de referentes.

As palavras, porque não constroem a realidade em sua totalidade, transformam as posições ideológicas, já que são usadas pelos falantes que criam objetos de discursos que podem ser modificados. Então, percebemos que o espaço *Nossa Opinião* / *Outra Opinião*, enquanto lugar constitutivo de sentidos permite que os leitores, também sujeitos de enunciação, se identifiquem com uma ou outra opinião, fazendo com que novos sentidos emirjam a partir da interação linguística entre os interlocutores e da construção dos referentes.

Esses textos, produzidos num jornal de grande circulação, influenciam os leitores que ao se identificarem com uma ou outra opinião “se reconhecem (em sua relação consigo mesmo e com outros sujeitos).”, através das marcas linguísticas *nossa*, pronome possessivo, que expressa a posição do jornal em relação aos fatos de grande repercussão nacional; e *outra*, pronome indefinido, que expressa opinião de algum membro da sociedade, o qual compartilha ou não da visão do jornal. Num mesmo espaço, então, temos sujeitos diferentes que falam de lugares sociais diferentes e produzem sentidos que passam os diversos discursos.

As marcas linguísticas *nossa e outra* nos oferecem subsídios para análise de um texto que, na tentativa de se mostrar transparente e democrático, revela que a linguagem usada pelo editor e interlocutor deste não é tão clara assim, pois não se podem domesticar os sentidos, os quais circulam nas relações linguagem / história. E, isso porque, segundo Mondada (2003, p. 19) não existe “uma estabilidade a priori das entidades do mundo e na língua.”, ou seja, a referência

criada pelos falantes, num determinado contexto, mostra que características, tanto discursivas como linguísticas, se manifestam no discurso e, por isso, sofrem mudanças.

E isso acontece porque tanto o dizer do sujeito–editor quanto o do sujeito-interlocutor do editorial possuem margens, isto é, vários sentidos circulam através das diferentes visões de mundo que esses apresentam. E essas visões podem ou não irem de encontro com as opiniões dos sujeitos- leitores do jornal *O Globo*. Dessa forma, os temas polêmicos suscitados no editorial *Nossa Opinião / Outra Opinião*, compartilhando ou não das mesmas crenças, estabelecem aquilo que pode e o que não pode ser dito, suscitam alteridade própria do gênero argumentativo.

Tanto os argumentos de *Nossa Opinião* como os de *Outra Opinião* são baseados no imaginário que liga sujeitos de linguagem que partilham, ou melhor, têm a ilusão de partilharem a mesma crença, no caso o editor, o interlocutor e os leitores do jornal *O Globo*. Dependendo da escolha do leitor / ouvinte, o editorial, passa, então, a ser porta voz das crenças dos outros na medida em que constrói imagens do lugar de onde se fala, editor do jornal ou o interlocutor (médico, engenheiro, professor, sindicalista etc.) que dialogam neste espaço, fazendo com que os leitores do jornal se vejam, se identifiquem com as ideias veiculadas por ele.

A língua, então, por meio das escolhas linguísticas dos falantes, materializa o discurso de *Nossa Opinião / Outra Opinião* através das palavras que assumem sentidos diversos e que de certa forma manipulam o discurso dos sujeitos, já que não existe escolha inocente diante de determinados acontecimentos sociais e políticos, que o homem moderno vivencia no seu dia a dia.

2. Os Editoriais de *O Globo*: *Nossa Opinião / Outra Opinião*

O editorial de um jornal expressa sempre o ponto de vista sobre os fatos, levando em conta o contexto em que aconteceram, seus reflexos e transtornos na vida das pessoas. Texto de caráter opinativo retrata o pensamento do jornal e de seus editores. Partindo de uma notícia ou de um tema, o editorialista tece reflexões sobre o assunto

em questão, posicionando – se criticamente, de forma a persuadir, influenciar o modo de pensar de outrem.

Ao se colocar criticamente diante das questões que se apresentam na sociedade, o editorial do jornal cumpre a função do texto dissertativo quando se propõe a discutir assuntos e tecer opiniões. O editorial *Nossa Opinião*, ao subdividir seu espaço com *Outra Opinião*, permite nos avaliar como no jogo comunicativo, esses textos se desenvolvem de diferentes formas, em determinadas condições de produção.

E o que nos interessa analisar nesses textos é a forma como os referentes são construídos, fazendo com que os sentidos daí emanados, influenciem e orientem conclusões que caracterizam o discurso do editor e de seu interlocutor, atuando sobre aqueles que leem o jornal *O Globo*.

Os editoriais do jornal *O Globo* que se apresentam sob a forma de *Nossa Opinião / Outra Opinião* nos oferecem subsídios para analisar a construção de referentes que é consequência da relação do indivíduo com a realidade. Isto é, as escolhas linguísticas acontecem de acordo com a percepção que os sujeitos possuem da realidade. Essa percepção é formada pelas práticas vivenciadas socialmente e derivam da oposição de ideias sobre um mesmo assunto. E a produção do discurso desses textos se faz da articulação do processo polissêmico em que os sentidos migram de um polo a outro, possibilitando inúmeros significados.

O editorial *Nossa Opinião / Outra Opinião*, que será objeto de análise neste trabalho e se encontra em anexo, é o do dia 19 de outubro de 2009 que traz como *tema em discussão: Perfil democrático*. Esse editorial, *Nossa Opinião*, compartilha suas ideias sobre o envelhecimento da população brasileira com os leitores e com o economista e professor do Instituto De Ensino, Otto Nogami, o qual se posicionará, também, sobre o mesmo tema no espaço *Outra Opinião*.

Primeiro, o editor do jornal se posiciona sobre a realidade brasileira: o envelhecimento da população, mostrando as causas desse envelhecimento, suas vantagens e desvantagens para economia do país. Ao mostrar os dados sobre o envelhecimento no Brasil, esse sujeito não só se significa como também significa aqueles que compar-

tilham do mesmo referente; o envelhecimento da população brasileira. Ainda que não haja uma relação universal, transparente e definitiva desse referente.

Desse modo, ao ser interpelado pela ideologia de que é preciso ações políticas para o país que envelhece rapidamente, o editor do jornal escreve um texto sobre os ajustes sociais, necessários para a organização do país. Oferece, ainda, aos leitores a visão de um economista e professor sobre o assunto, o qual reforçará a ideia do jornal sobre as “pressões futuras” que o Brasil sofrerá como o envelhecimento da população.

A opinião do jornal, então, virá respaldada pela opinião de um economista, uma autoridade no assunto que dará dados mais consistentes para corroborar com a imagem do editorial sobre o envelhecimento populacional.

Num mundo globalizado como o que vivemos, os sentidos circulam de todas as formas possíveis e vão tomando forma na medida em que identificam os sujeitos de uma mesma comunidade falante / pensante. *Nossa Opinião*, então, se posiciona do lugar de um jornal sério e de grande circulação no país, que está a serviço da informação e oferece aos seus leitores a oportunidade de se expressarem através da opinião do jornal ou da opinião do outro, no caso *Outra Opinião*, representado, nesse contexto, por um professor e economista.

Ao acolher outra opinião, o jornal cumpre, assim, seu papel perante uma sociedade que luta pela democracia e pela liberdade de expressão. No entanto, o que se percebe é que o sujeito de *Nossa Opinião*, na verdade legitima uma determinada ordem social, que tem respaldo nas leis que asseguram o direito de expressão na imprensa. Através da marca linguística “nossa” que dilui os vários “eu” da empresa jornalística, o sujeito – editor, se junta a outra voz para conscientizar as pessoas sobre a necessidade de discutir esse assunto.

Nessa interação entre editor, economista e leitores, percebemos que o jornal, enquanto instrumento formador de opinião, com responsabilidade social, exige da sociedade uma conscientização sobre a situação anunciada pelas estatísticas. E, para isso, cria um quadro de referência em que informações são ativadas, reativadas ou de-

ativadas pelos conhecimentos linguísticos, textuais e discursivos operados pelos sujeitos.

3. Os sintagmas nominais *Nossa Opinião* / *Outra Opinião*

Ainda que marcado morfologicamente pelo pronome possessivo “nossa”, “o sujeito da enunciação está presente como falta” (Mariani, 2003. p.70), porque se submete às condições de produção impostas pela empresa jornalística, e dialoga com o professor e economista Otto Nogami, deixando que ele fale sobre a urgência de medidas políticas para o problema social do envelhecimento da população.

Como economista, Otto Nogami é capaz de entender e explicar fluxos financeiros como também prever e modelar comportamentos individuais, institucionais e financeiros; como professor é capaz de ensinar as pessoas a se organizarem diante de um problema eminente. Ou seja, ninguém melhor que Otto Nogami, para falar sobre o tema e identificar, principalmente, os sujeitos que entraram ou entrarão no chamado “envelhecimento”.

Nossa atenção aqui se volta, então, para as expressões referenciais *Nossa Opinião*/ *Outra Opinião* representadas por sintagmas nominais, capazes de se reportarem a indivíduos e a objetos do mundo. Esses sintagmas referenciais dão a sensação de que os discursos se complementam e isso significa que os sujeitos interagem de forma civilizada por meio da linguagem.

Essas expressões referenciais, também, com diz Koch (2009), “contribuem para elaborar o sentido, indicando pontos de vista, assinalando direções argumentativas,...” o que nos sugere que, ao abrir espaço para outra opinião, o editorial do jornal assume também a posição de democrático, que respeita a opinião dos outros e as acolhe. Talvez, por isso, o texto do editorial, primeiramente, exponha suas ideias através da “nossa”, sem medo de se mostrar, para em seguida deixar que “outra”, qualquer opinião, independente de quem seja, ou ideias que professem se manifeste contra ou a favor das suas.

Então, o texto jornalístico materializa seu discurso na relação que estabelece com *Outra Opinião*, mas como qualquer sujeito de ideologia, manipula o discurso do outro, na medida em que a escolha

do seu interlocutor, para falar sobre o *Perfil demográfico* do país, não é sem critérios ou desprovidos de qualquer intenção, como sugerimos.

Sendo um economista e professor, a escolha do “outro” com quem o jornal vai “interagir”, no caso, do tema em questão, Otto Nogami é a melhor escolha para falar sobre o assunto. Estabelece-se aí o lugar social do qual *Outra Opinião* enunciará seu dizer; o editorial, então, privilegia o significado de que para se solidificar a democracia de um país é preciso conhecer a realidade social e econômica desse.

Ao construir os referentes *Nossa Opinião / Outra Opinião* na elaboração do seu editorial, o jornal *O Globo*, usará estratégias de referenciação que fazem com que os sentidos estejam “no espaço discursivo constituído pelos/nos dois interlocutores.” (ORLANDI, 2003, p. 16), já que eles são constituídos pela interpretação humana de acordo com determinado ponto de vista e das escolhas dos referentes.

Desse modo, os sintagmas nominais ativam a interpretação do leitor, a representação do editorial, o contexto social em que é produzido o texto em situação comunicativa e o conhecimento de mundo e linguístico de que dispõem os sujeitos envolvidos na atividade discursiva.

Passemos, agora, à análise dos referentes *Nossa Opinião/Outra Opinião* com base nos pressupostos teóricos tratados anteriormente. Primeiramente, cabe disser que o lugar social de onde enuncia o editor do jornal é uma imagem que ele faz de si mesmo e do seu interlocutor, para daí estabelecer relações com o outro, economista/ professor Otto Nogami, de acordo com o contexto em que o discurso é produzido.

No caso do texto em questão, o discurso produzido no editorial estabelece um jogo comunicativo em que *Nossa Opinião* fala e *Outra Opinião* retoma o discurso do editor e o completa. Tanto o discurso do editor quanto o do economista e professor interpretam o significante *Perfil demográfico* de acordo com os interesses sociais e econômicos do país. Os discursos, dessa forma, seguem na mesma direção, que é a de expor à população a necessidade de se ajustar à

realidade sobre o envelhecimento do país e de se conscientizar de que essa realidade pressionará o governo a tomar medidas específicas para desenvolvimento econômico do Brasil.

Embora comunguem de uma mesma visão sobre essa realidade brasileira, os discursos são organizados de maneira diferente para informar, explicar e convencer os leitores sobre a urgência do tema. Partilham suas intenções de acordo com a própria trajetória cultural das pessoas: suas leituras, informações que têm acesso etc. Nossa atenção, porém, como já explicamos se voltará apenas para os sintagmas *Nossa Opinião/ Outra Opinião*.

Entendemos que as estratégias de referências nominais que intitulam o editorial do jornal *O Globo*, são essenciais para a interpretação dos textos que se apresentam com o título de “Ajuste à realidade”, de *Nossa Opinião* e “Pressões futuras”, de *Outra Opinião*. E, isso porque elas ativam conhecimentos linguísticos, discursivos e cognitivos responsáveis pela leitura e interpretação do texto, pois é na atividade sociointerativa que essas expressões são produzidas para nomear e fazer referências.

O Jornal *O Globo* sendo direcionado para a classe média, permite que, por exemplo, o conhecimento linguístico, adquirido nos estudos escolares, seja acionado. Sabe-se que o pronome “nossa” é possessivo; já o “outro” é indefinido. Também que esses pronomes são usados para indicar posse e indefinir algo que não está muito claro ou que não se quer que fique. Já o nome “opinião” é um substantivo que nomeia a maneira de ver de cada um. Daí a interpretação de que o sintagma nominal *Nossa Opinião* é da empresa jornalística e o sintagma *Outra Opinião* expressa a visão de um terceiro.

Fica claro também que, de maneira implícita, o uso do sintagma *Nossa Opinião* isenta a empresa jornalística do discurso de *Outra Opinião*, ou seja, ela não é responsável pelo dizer do outro, pois organiza seu discurso privilegiando determinados significantes para serem significados por outros sujeitos. Assim, o pronome “nossa”, neste contexto, é usado como um mecanismo de referenciação que reforça a ideia de localização que possui como ponto de partida os participantes do discurso tomados como possuidores.

Por isso, tratamos esses recursos não apenas como linguísticos como também referenciadores discursivos que permitem compreender a posição ocupada por um sujeito, o editor do jornal, representante de um jornal democrático que se responsabiliza pelo seu dizer, assume o que diz, porque está atento a tudo que acontece à sua volta e se posiciona de maneira crítica diante dos fatos, procurando retratar a realidade que o cerca.

Como não há escolhas inocentes, ao abrir o espaço do editorial para outra opinião, o jornal, ao usar o pronome “outra” que assume valor referencial não definido e não específico junto ao substantivo “opinião” garante um espaço democrático, pois consente a qualquer pessoa, que concorde ou não com sua visão de mundo, suas crenças e valores, e expresse suas ideias.

O uso desses sintagmas, portanto, garante ao editorial do jornal sua força argumentativa, orientam as discussões de problemas sociais ao emprestar aos leitores do jornal *O Globo* seus conhecimentos de mundo sobre os motivos que levam o envelhecimento do país e os problemas que esse envelhecimento acarreta à economia brasileira.

Assim, tanto editor quanto o interlocutor – *Outra Opinião* – se posicionam frente às questões que requerem reflexões e participação social e nos permitem verificar a veracidade dos dados observados no contexto. Assim é que, os referentes linguísticos “nossa/outra”, apontam tanto para o processo argumentativo do texto como também para a credibilidade da empresa, gerando no leitor uma sensação de tranquilidade, pois uma empresa que não impõe só sua “opinião” é confiável, democrática na prática.

Os referentes “nossa/outra” denotam respeito a um público que acredita ser capaz de pensar e chegar a conclusões sozinho. Esse acredita poder escolher a opinião do jornal ou a do outro. Verificamos que esses referentes ativam no leitor a possibilidade de ler esse editorial de maneira autônoma, já que eles instigam-no a uma avaliação positiva ou negativa das ideias veiculadas nesse espaço. E, reforçam, ainda, o prazer de ler um jornal que informa, comprova e divide opiniões.

Dessa forma, a empresa *O Globo* oferece subsídios para que os leitores se coloquem frente aos problemas enfrentados pela sociedade, pois eles compartilham das dificuldades que o envelhecimento traz ao corpo e aos cofres públicos. Assim, como diz Apothéloz & Reichler-Béguelin há a construção de uma representação que opera com uma “memória compartilhada, publicamente compartilhada pelo próprio discurso”.

4. Considerações finais

Procuramos neste artigo, ao interpretar um dos muitos textos produzidos nos editoriais *Nossa Opinião / Outra Opinião* do jornal *O Globo*, perceber como os sintagmas referenciais *Nossa Opinião/ Outra Opinião* contribuem com o processo discursivo do editorial que se dá na relação estabelecida entre sujeitos que ocupam diferentes lugares sociais.

O que nos interessou, nesse gênero jornalístico, foi justamente a relação dialógica dada a partir de uma “outra opinião” que não comunga necessariamente com as mesmas ideias da empresa jornalística *O Globo*, mesmo porque o editorial desse jornal não se apresenta sempre dessa forma. Alguns são publicados apenas com a marca *Nossa Opinião* em que somente as formações ideológicas do jornal são veiculadas.

Ao analisar os referentes nominais *Nossa Opinião/ Outra Opinião* desse editorial que tem como tema *Perfil demográfico*, verificamos como a construção da referencialidade, por meios desses, permite nos compreender o texto como uma unidade discursiva significativa, concebida por sujeitos que compartilham ou não das mesmas ideologias.

O espaço enunciativo *Nossa Opinião/Outra Opinião*, assim, liga sujeitos de linguagem que se identificam e identificam sujeitos – leitores do jornal *O Globo*, dando a ilusão de que todos possuem as mesmas crenças. No entanto, a dimensão simbólica distingue esses sujeitos de linguagem, porque a cadeia de significante é diferente para cada sujeito.

Assim é que, aparentemente descontextualizadas, essas expressões referenciais contribuem para a elaboração do sentido do texto, que desencadeará as relações estabelecidas na interlocução entre o editor do jornal e o sujeito com quem dialogará em determinadas situações. Neste editorial, o interlocutor é o economista e professor do Instituto de Pesquisa Otto Nogami, o qual apresenta dados específicos de uma das grandes preocupações sociais, o envelhecimento da população e suas consequências para o “sistema previdenciário” brasileiro.

Na elaboração desse sentido, os sintagmas nominais *Nossa Opinião/ Outra Opinião* além de contribuírem para processo de argumentação discursiva também provocam um estado de prazer no leitor que identifica e partilha os referentes “nossa/ outra” com o editor do jornal e Otto Nogami, como um espaço democrático, em que se pode confiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais 1922 -1989*. Campinas: Revan, 1998.

_____. Subjetividade e imaginário linguístico. *Revista Linguagem em (dis)curso*, Tubarão, v. 3, Número Especial, p. 55-72, 2003

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O léxico: lista, rede ou cognição social? In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 263-282.

MENEZES, Vanda Cardozo de. Da referência à referenciação. *Cadernos do CNLF*, Vol. XII, nº 12. Rio de Janeiro: CEFIL, 2009.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. et alii (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

NEVES, Maria Helena Moura. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 87-147.

Linguagem em (Re)vista, Ano 06, N^{os}: 11/12. Niterói, 2011

ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 2003.

KOCH, I.G.V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2009.

APÊNDICE

AJUSTE À REALIDADE EDITORIAL *O GLOBO*: Nossa Opinião 19/10/2009

Não está mais longe o dia em que o Brasil passará a ter um perfil populacional semelhante ao de países europeus ou até mesmo do Japão, nação com maior percentual de idosos no planeta.

A queda na taxa de fecundidade, fenômeno mais acentuado entre os brasileiros com mais instrução, começa a se espalhar. Face à participação crescente das mulheres no mercado de trabalho (em média, elas também hoje têm mais anos de instrução do que os homens) e às campanhas bem-sucedidas de prevenção a doenças transmitidas sexualmente, a gravidez indesejada vem diminuindo no país. Desse modo, há também progressiva redução na diferença das taxas de fecundidade entre o Norte/Nordeste e o Sul/Sudeste; entre os mais pobres e os mais ricos.

Assim, o número de brasileiros com mais de 60 anos já supera o de crianças até 6 anos. E, no máximo em duas décadas, chegará o momento em que o percentual dos considerados idosos (acima de 65 anos) será maior que o de jovens até 29 anos.

Temporariamente, essa mudança no perfil demográfico traz enormes vantagens ao país. Na educação, ficou mais fácil atender à demanda pela pré-escola que, se bem estruturada pedagogicamente, proporciona saltos qualitativos no aprendizado e pode contribuir para eliminar rapidamente o problema da evasão escolar, que leva ao analfabetismo funcional e à falta de preparo para o trabalho.

No entanto, se pelo lado dos mais jovens será possível investir em melhora substancial na qualidade de vida, por outro o envelhecimento da população poderá significar graves problemas se o país não se preparar para enfrentar essa realidade.

Há questões objetivas que precisam começar a ser resolvidas o quanto antes, até porque esse processo de envelhecimento já está em curso: a população com mais de 80 anos crescerá, já na próxima década, a um ritmo de 6% ao ano. Da previdência social ao planejamento urbano, da saúde ao mercado de trabalho, há muito o que ser ajustado.

PRESSÕES FUTURAS
EDITORIAL *O GLOBO*: Outra Opinião, 19/10/2009

Um levantamento realizado por especialistas americanos mostra que as pessoas com mais de 65 anos de idade representarão 14% da população mundial projetada em 2040. Esses números indicam que haverá uma forte pressão sobre os sistemas de previdência e sistemas públicos de saúde, o que deve afetar o crescimento econômico dos países indistintamente.

O processo de transformação no perfil demográfico da população brasileira começou a ocorrer de forma mais clara a partir da década de 1950, quando as taxas de mortalidade começam a apresentar quedas significativas. Por outro lado, ao longo da década de 1960 constata-se um processo de queda na taxa de fecundidade feminina.

A combinação destes dois eventos dá início ao processo de envelhecimento populacional. Apesar de nos anos 80 a composição etária da população caracterizar o Brasil como um país predominantemente jovem, neste início do século XXI o panorama começa a se modificar.

Cabe lembrar que o impacto de mais curto prazo ocorrerá sobre o sistema previdenciário, que exigirá uma revisão constante das tábuas de vida (que possibilitam calcular as probabilidades de vida e morte de uma população em função da idade do indivíduo). Estas são utilizadas nos cálculos atuariais (baseiam-se no princípio básico de calcular riscos futuros e financeiros) para a elaboração de planos de previdência e seguros contra a morte.

Isto é necessário, pois a redução na proporção entre trabalhadores e pensionistas implicará uma pressão cada vez maior sobre os sistemas vigentes de previdência.

Outro ponto que merece destaque é a pressão que o envelhecimento da população causará sobre custos de saúde pública. Doenças como problemas cardíacos, diabetes e câncer significarão enormes gastos nos sistemas de saúde.

A questão do envelhecimento populacional será objeto de intensa discussão nos próximos anos, pois à medida que este grupo etário vai adquirindo representatividade se ressaltam necessidades específicas, o que poderá levar a prioridades econômicas diferentes daquelas necessárias para sociedades formadas por populações jovens.

Otto Nogami é economista e professor do Instituto de Ensino e pesquisa.